
A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO CASO LAVA-JATO NAS CARTAS AO LEITOR DA REVISTA VEJA

Marina Kataoka Barros (Fanor e Estácio CE)
marinakataoka@gmail.com

Luciana Costa Rodrigues de Paula Duarte (Fanor e FFB)
luciana.duarte06@gmail.com

Resumo: Considerando que a ideologia pode ser o conjunto de significações ou construções da realidade e que essas podem contribuir para a produção, a reprodução ou a transformação das relações sociais de dominação (MAGALHÃES, 2001), esta pesquisa objetivou analisar a construção ideológica do caso Lava-Jato no gênero jornalístico Carta ao Leitor da Veja, revista de grande circulação e repercussão no Brasil. A escolha do estudo por meio de gênero deu-se por entender que um gênero textual cristaliza as práticas de linguagem, que são historicamente acumuladas pelos grupos sociais e por isso, dentro de uma visão interacionista, o reflexo e o instrumento de interação social (SCHNEUWLY & DOLZ, 2007), ou seja, os gêneros contemplam o que os cidadãos desejam e necessitam saber/conhecer/acompanhar, pois são nos textos que encontram apoio para suas ações cotidianas (MELO & ASSIS, 2013). Para realização da pesquisa, utilizamos a metodologia da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001), que consiste em analisar: a linguística, a prática discursiva e a prática social. A amostra constitui-se de 21 cartas ao leitor do ano de 2015 da Veja e o critério da seleção foi a referência ao caso de corrupção Lava-Jato na reportagem de capa do veículo de comunicação. Os resultados indicam uma construção ideológica que afronta o poder governamental eleito, pois a revista aponta as práticas do PT como as piores já vistas em 12 anos. Tal posicionamento é observado, principalmente, pelo uso da figura de linguagem metonímia para enfatizar a corrupção cometida pelo partido e os erros econômicos e políticos do governo, ademais, há uma grande utilização de adjetivos para classificar a situação atual do país em um sentido negativo e de verbos como sucumbir, desviar, conter e afundar. Logo, a revista não deixa de marcar firmemente sua postura de quebra da hegemonia política na carta ao leitor.

Palavras-chaves: Ideologia. Gênero. Discurso.

1 Introdução

Nos últimos anos, cada vez mais utilizamos os estudos dos gêneros textuais para compreender as práticas sociais, porque estes cristalizam as práticas de linguagem que, por serem historicamente acumuladas por grupos sociais, são reflexo e instrumento de interação social. Logo, os gêneros contemplam o que os cidadãos desejam e

necessitam saber/conhecer/acompanhar, pois, em tais textos, encontram apoio para suas ações cotidianas (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004).

Além dos gêneros textuais, temos a ideologia presente em todas essas práticas sociais. Assim, a ideologia pode ser o conjunto de significações ou construções da realidade as quais podem contribuir para a produção, a reprodução ou a transformação das relações sociais de dominação e que essa ideologia é transmitida através da linguagem (MAGALHÃES, 2001).

Dessa maneira, esta pesquisa objetivou analisar a construção ideológica do caso Lava-Jato no gênero jornalístico Carta ao Leitor da Veja, revista de grande circulação e repercussão no Brasil. A escolha de tal caso se deu pela importância social e história desse grande esquema de corrupção para os cidadãos brasileiros.

Para realização da pesquisa, utilizamos a metodologia da Análise Crítica do Discurso (ACD) (FAIRCLOUGH, 2001), que consiste em analisar: a linguística; a prática discursiva e a prática social. Portanto, buscamos verificar através da ACD se a Revista Veja tinha uma postura de apoio, “imparcialidade” ou de afronta ao governo petista. Mesmo que já tenhamos certa ideia da postura ideológica da revista, muito difundida no conhecimento empírico, visamos a nos certificar linguisticamente dessa impressão.

Este artigo está organizado da seguinte maneira, inicialmente, apresentamos os conceitos de ideologia utilizados nesta pesquisa, após isso, os procedimentos metodológicos, a análise da construção ideológica na Carta ao Leitor e por fim as considerações finais.

2 Conceito de Ideologia

Ao pensarmos no conceito de ideologia, é muito importante refletir, primeiramente, sobre o conceito de linguagem, pois esta se tornou essencial para a compreensão das relações sociais (IÑIGUEZ, 2004), afinal a linguagem é uma maneira que os sujeitos, historicamente situados, encontram de significar a realidade, de construir a realidade “humana” a partir da realidade “concreta” (PINHO, 2007, p.13).

Segundo Pinho (2007), a linguagem é instituída a partir do real, ou seja, das relações reais dos sujeitos, porém os sujeitos constroem a realidade e sua relação com

esta por meio, também, da linguagem, o que temos, na verdade, é uma relação interna e dialética (FAIRCLOUGH, 1989, apud RESENDE e RAMALHO, 2006). Diante disso, podemos afirmar que não existe uma relação externa entre linguagem e sociedade, o que existe é uma relação interna e de dualidade estrutural (IÑIGUEZ, 2004), logo a linguagem é uma parte da sociedade; os fenômenos linguísticos são fenômenos sociais e os fenômenos sociais são (em grande parte) fenômenos linguísticos (IÑIGUEZ, 2004). Assim, a linguagem é produtora da realidade, justamente porque a linguagem é produto construído pela atividade de todos os membros da coletividade em sua ação, portanto, linguagem é prática social.

Tais reflexões sobre linguagem levam-nos à teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD), a qual é muito importante, pois o conceito de ideologia desta pesquisa segue as contribuições teóricas da ACD. Por isso, uma breve contextualização também se faz necessária.

Segundo Barros (2009), a ACD teve seu início na década de oitenta com os estudos de Kress e Fairclough sobre linguagem e poder; e os processos linguísticos e as práticas socioculturais. Por isso, alguns consideram a ACD como uma continuação da Linguística Crítica, porém tal consideração seria uma redução das questões metodológicas. Desta forma, segundo Fairclough (2001),

a Análise Crítica do Discurso (ACD) caracteriza-se por ser uma análise do discurso que pretende: explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade de determinação entre (a) as práticas discursivas, eventos e texto, e (b) estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos; investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações de poder, sendo formados ideologicamente por estas; e explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001, p.35).

Como consideram Barros e Castro (2015), esta posição faz-nos perceber que as construções da ACD giram em torno do discurso, do evento discursivo, da prática discursiva, prática social, ideologia e poder. Por discurso, entendemos que este é definido como o 'uso da linguagem como forma de prática social' (MAGALHÃES, C., 2001, p. 17), ou seja, implica uma ação e uma representação. Por isso, sua compreensão depende do uso da linguagem, que, como já dito anteriormente, é prática social.

Conforme Fairclough (2001), um evento discursivo relaciona-se: (1) ao texto (falado ou escrito), (2) à prática discursiva (uso da linguagem que compreende os processos de produção, distribuição e consumo dos textos) e (3) à prática social (dimensão relacionada à ideologia e ao poder), pois ele é a instância de uso da linguagem analisada nessas três dimensões.

Traçado este percurso teórico, passemos à compreensão do conceito de ideologia, foco de nossa pesquisa.

Para ACD, a ideologia pode ser compreendida como “significações ou construções da realidade, construídas nas várias dimensões das formas ou sentidos das práticas discursivas e contribuindo para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (MAGALHÃES, 2001, p.17).

Sem dúvidas, como refletem Barros; Castro e Barretto (2016), afirmar que as ideologias produzem, reproduzem ou transformam as relações de dominação, estabelece uma forte ligação com o conceito de poder, que, por fazer parte de inúmeros estudos, tem uma rica tradição de definições, que, em nosso caso, destacamos a forte relação com o poder social (VAN DIJK, 2008). Este poder social tem algumas características a serem consideradas, dentre elas: é uma característica das relações entre os grupos; manifesta-se nas interações; geralmente, é indireto e atua por meio da “mente”, ou seja, pela persuasão ou pelas formas de comunicação discursivas; não se limita a uma forma de ação, mas de interação social; pressupõe uma estrutura ideológica; deve ser analisado em relação às várias formas de contrapoder que são relações de luta contra a hegemonia, o poder dominante (VAN DIJK, 2008).

3 Procedimentos Metodológicos

Como já destacamos em nossa introdução, foi diante da percepção da importância do uso da linguagem para a compreensão das representações sociais que desejamos compreender como a estrutura ideológica social é apresentada no gênero textual jornalístico cartas ao leitor na revista VEJA, pois pelas construções de linguagem utilizadas neste gênero, conforme Barros; Castro e Barretto (2016), conseguimos

perceber a prática social a qual é construída discursivamente, ou seja, pelas escolhas feitas ao produzir um texto marcamos um discurso.

Para a análise dos dados, utilizamos a metodologia adotada por Fairclough (MAGALHÃES, 2001), que consiste em uma análise tridimensional composta por uma combinação das três tradições analíticas indispensável para a análise do discurso: (1) a **análise linguística** e textual da linguística que se refere à análise dos textos falados e/ou escritos (PEDRO, 1997); (2) a **análise da prática discursiva** que engloba o entendimento do processo de produção, distribuição e consumo textual (PEDRO, 1997) e (3) a **análise da prática social**, ou seja, a análise dos acontecimentos discursivos, enquanto práticas socioculturais (PEDRO, 1997), que tem como matriz a hegemonia ou uma análise das relações de poder, isto é, uma investigação se “estas reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes” (MAGALHÃES, 2001).

Além disso, é importante ressaltar que essa divisão é apenas didática, pois os três momentos podem ser feitos de forma simultânea e, como já vimos, eles se complementam.

Assim, foi realizada uma pesquisa documental, exploratória, analítica no primeiro semestre de 2016. E o corpus desse estudo fora composto pelas cartas ao leitor publicadas na revista Veja. A amostra constitui-se de 21 cartas ao leitor do ano de 2015 e o critério da seleção foi a referência ao caso de corrupção Lava-Jato na reportagem de capa do veículo de comunicação. As cartas foram coletadas através do acervo digital da revista na internet.

Finalmente, apresentados os procedimentos metodológicos de nosso trabalho, passaremos agora para análise das cartas ao leitor.

4 A Construção Ideológica No Caso Lava-Jato

É de conhecimento geral que a revista Veja há muito apresenta reportagens sobre a atuação do governo petista e, em especial, sobre a atuação desse governo diante os escândalos de corrupção e desvio de dinheiro. Em suas publicações semanais, chamou-nos atenção a que construção ideológica os textos apresentados na revista estariam construindo nos sujeitos consumidores e leitores dela. Isso porque é uma

revista de grande repercussão, pois seus conteúdos são comentados em rede sociais e usados como comprovação do movimento.

Diante desse cenário, para compreendermos como ocorre essa construção ideológica, fizemos uma pesquisa nas edições da revista *Veja* de 2015 e identificamos quantas capas faziam menção ao caso Lava-Jato. Em nosso levantamento, percebemos que, das 53 capas do ano de 2015, 21 trouxeram como tema o caso de corrupção citado, ou seja, quase metade. Além da importância histórica do fato, esse número indica que há uma construção de uma representação social, de uma visão social sobre o caso.

Analisando a Carta ao Leitor das edições da *Veja* de 2015, percebemos que a construção ideológica, inicia-se já pela forma que o caso Lava-Jato é apresentado na capa da revista, na utilização da linguagem não-verbal e verbal. Ao longo das edições, observamos expressões que marcam já na capa a utilização crítica e desaprovação ao PT, marcando um posicionamento da revista. Esse é percebido em várias expressões como “crise de confiança” (edição 2415); “forças que podem minar o trabalho anticorrupção” (edição 2426) ou “A Lava-jato vai emergir” (edição 2448), por exemplos. Além disso, a linguagem não verbal é significativa na construção dessa representação social, pois implica uma afronta ao poder do atual governo, para exemplificar, na situação de trazer a crise de confiança na capa, conforme figura a seguir, temos a imagem de correntes quebradas e estas são verdes e amarelas, cores que nos identificam enquanto nação, o povo ao votar confiou nos candidatos para representar os interesses da maioria visando à melhoria social e esse compromisso foi quebrado.



Figura 1: capa da revista Veja de 11/03/2015 (edição 2415)

Fonte: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>

Depois dos indicativos das escolhas de linguagem que compõem a capa, não podemos deixar de mencionar os títulos que encontramos na Carta ao Leitor, gênero foco de nossa análise, pois há também neste elemento pré-textual termos que marcam o posicionamento da Veja.

Os elementos linguísticos nos títulos das cartas figuram uma resistência ao partido que estava no poder, indicando inclusive, que este além de praticar os atos de corrupção apresentados, fazem o que podem para impedir as investigações e apuração do caso para devido cumprimento de sentenças dos envolvidos. Por exemplo, na edição de março, temos o título da carta “A falta de credibilidade”; na edição de abril “Tempestade perfeita”, ou seja, as palavras usadas já indicam que os membros do partido do poder são de fato culpados pelo ocorrido, mesmo ainda que estivéssemos num processo de apuração da situação.

Partindo para os elementos textuais do gênero carta ao leitor, nome de um gênero que busca uma aproximação entre a revista e o sujeito-leitor, observamos que a caracterização da situação os resultados continuam indicando uma construção ideológica de desaprovação ao poder governamental eleito, pois a revista aponta as práticas do PT como as piores já vistas em 12 anos. Tal posicionamento é observado, principalmente, pelo uso da figura de linguagem metonímia para enfatizar a corrupção

cometida pelo partido e os erros econômicos e políticos do governo, na edição 2412, em que Veja comenta a situação do PT no seu 35º aniversário de fundação é a maldição de Saturno, aquele Deus da mitologia o qual comia seus filhos, fazendo justamente uma referência aos princípios originais do partido traídos com as denúncias de corrupção.

Além disso, há uma grande utilização de adjetivos em várias cartas para classificar a situação atual do país em um sentido negativo, como “erro colossal”; “castigo econômico”; “triste efeméride”; “tempestade perfeita”; “missão quase impossível” e outros. Assim, é notório que há uma intenção de influenciar a construção da realidade, transformando o pensamento coletivo a respeito dos que estão exercendo o poder governamental.

Outra escolha que nos chamou atenção foi as dos verbos, pois esses também apontam para essa influência que a revista pode exercer no construto do pensamento social. Na seção em análise, temos a utilização de verbos como sucumbir, desviar, conter e afundar que marcaram firmemente a postura de quebra da hegemonia política na carta ao leitor, pois apontam os grandes representantes do partido político em atuação como corruptos e culpados no caso e, se pensarmos historicamente, são ações que não deveriam ser praticadas por quem é colocado nessas posições para fazer valer o bem comum e os interesse do povo e deveriam agir de forma ética e justa.

Portanto, as diversas edições analisadas apontam que na seção Carta ao Leitor temos, por meio da linguagem utilizada, um posicionamento bem definido da revista quanto à hegemonia do atual governo de nosso país, ou seja, percebemos que as escolhas linguísticas constroem um diferente ideal de quem nos governa, porque nos traz representantes políticos culpados por corrupção e que tentam de todo jeito escapar das denúncias. Sem dúvidas, por ser uma revista de grande repercussão nacional, esses textos influenciam a representação social acerca do PT, da atuação da Dilma e do resultado das futuras eleições.

Vale destacar que a revista tenta em algumas cartas demonstrar que busca apenas apresentar os fatos com antecedência “Passe livre” (edição 2454) ou com imparcialidade “O dever de apurar e publicar” (edição 2445), mas esse fato não se confirma na Análise Crítica do Discurso da maioria das cartas ao leitor.

5 Considerações Finais

Os resultados indicam uma construção ideológica que afronta o poder governamental eleito, pois a revista aponta as práticas do PT como não eficientes na administração do país, tal posicionamento é observado, principalmente, pelo uso da figura de linguagem metonímia para demonstrar a corrupção cometida pelo partido e os erros do governo, ademais, há uma grande utilização de adjetivos para classificar a situação atual do país em um sentido negativo e de verbos com efeito semântico impactante. Logo, a revista não deixa de marcar firmemente sua postura de quebra da hegemonia política eleita na carta ao leitor.

O gênero carta ao leitor denota, de forma, muitas vezes implícita, a ideologia presente no discurso por parte do conselho editorial da revista. Dessa forma, deve ser um gênero visto, não como portador de verdades, mas como manifestação livre do pensamento de um coletivo. Dessa forma, o gênero carta ao leitor nos diz como a revista quer ser vista entre os leitores.

As limitações desse estudo são evidentes tendo em vista que fora feita apenas uma análise documental. A consolidação dos dados aqui encontrados, somados a uma pesquisa de campo nos daria uma compreensão mais abrangente do fenômeno, uma vez que poderíamos confrontar se tal ideologia é percebida pelos leitores.

Referências

BARROS, M. K. **Relação de poder em sala de aula de língua portuguesa de estágio supervisionado**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL – UFC, 2009.

BARROS, M. K. e CASTRO, E. L. de. **A Figura Feminina em Duas Canções da Música Brasileira: Uma Análise Discursiva**. In: ANAIS do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015

BARROS, M. K.; CASTRO, E. L. de; BARRETTO, R. F. **A Construção da Estrutura Ideológica na Canção "Geni e o Zepelim": Significações e Resignificações da Realidade Social**. In: Anais INTERCOM, 2016 (no prelo).

IÑIGUEZ, L. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FAIRCLOUGH, N. A análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Básico: as Universidades. In: MAGALHÃES, C. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 31-81.

MAGALHÃES, C. A Análise Crítica do Discurso enquanto teoria e método de estudo. In: MAGALHÃES, C. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 15 – 30.

PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (org.). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1997, p. 19 - 46.

PINHO, F. S. N. de. **"O Pop não poupa ninguém"**: Relações discursivas entre o Pop Rock e a "pós-modernidade". Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL – UFC, 2007.

SCHNEUWLY, B. **Gêneros e tipos de discurso**: considerações psicológicas eontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VEJA. Edição 2412. Disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>. Acesso em: 17 mai 2016.

VEJA. Edição 2415. Disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>. Acesso em: 17 mai 2016.

VEJA. Edição 2426. Disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>. Acesso em: 17 mai 2016.

VEJA. Edição 2439. Disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>. Acesso em: 17 mai 2016.

VEJA. Edição 2445. Disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>. Acesso em: 17 mai 2016.

VEJA. Edição 2448. Disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>. Acesso em: 17 mai 2016.

VEJA. Edição 2454. Disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>. Acesso em: 17 mai 2016.